

MAPEAMENTO DOS GRUPOS DE PESQUISA QUE ATUAM COM GESTÃO DO CONHECIMENTO NO BRASIL

Rodrigo Antonio Coxe

Doutorando em Ciência, Tecnologia e Sociedade na Universidade Federal de São Carlos. Docente do Instituto Matonense Municipal de Ensino Superior.

E-mail: coxe@uol.com.br

Micherlangela Barroso Rocha

Doutoranda em Ciência, Tecnologia e Sociedade na Universidade Federal de São Carlos. Analista de Ciência e Tecnologia do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.

E-mail: mickyangela@gmail.com

Wanda Machado Hoffmann

Doutora em Ciência e Engenharia dos Materiais na Universidade Federal de São Carlos. Professora vinculada ao Departamento de Ciência da Informação na mesma instituição.

E-mail: wanda@ufscar.br

RESUMO

A comunidade científica tem um modo peculiar de organização. Observado pelas diversas bases de dados científicos existentes para alocar o conhecimento produzido ao longo do tempo além de plataformas específicas para acesso aos currículos de pesquisadores ou grupos por eles compostos. Assim, o presente artigo descreve um panorama geral acerca dos Grupos de Pesquisa em Gestão do Conhecimento que estão presentes no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. A área de conhecimento que inclui os estudos da Gestão do Conhecimento, envolve criação, registro, compartilhamento e disseminação de conhecimentos organizacionais, diversos autores, inclusive, empregam esforços para melhor compreensão de seus conceitos e práticas. Em seu escopo, o artigo traz uma breve discussão sobre Grupos de Pesquisa, a descrição sumária do Diretório dos Grupos de Pesquisa, conceitos fundamentais de Gestão do Conhecimento, aspectos metodológicos envolvidos na coleta dos dados, onde foi utilizada a expressão de busca “Gestão do Conhecimento”, e foram recuperados 350 grupos no diretório e, a seguir foram realizadas análises e comparações. As regiões geográficas Sul e Sudeste concentram o maior número dos Grupos de Pesquisa, respectivamente nos Estados de Santa Catarina e São Paulo. Dentre as grandes áreas do conhecimento os Grupos de Pesquisa estão na área de Ciências Sociais Aplicadas e em áreas básicas do conhecimento como Ciência da Informação, Direto e Administração. Assim, esta pesquisa permitiu conhecer alguns aspectos dos grupos de pesquisa em Gestão do Conhecimento no Brasil.

Palavras-chave: Gestão do Conhecimento. Grupos de Pesquisa. Diretório de Grupos do CNPq.

MAPPING OF RESEARCH GROUPS THAT WORK WITH KNOWLEDGE MANAGEMENT IN BRAZIL

ABSTRACT

The Scientific Community has a peculiar way of organizing. Observed by the various scientific databases available to allocate the knowledge produced over time in

addition to specific platforms for access to the curricula of researchers or groups composed by them. Thus, this article describes an overview of the Knowledge Management Research Groups that are present in the Directory of Research Groups of the National Council for Scientific and Technological Development. The area of knowledge that includes Knowledge Management studies involves the creation, registration, sharing and dissemination of organizational knowledge, several authors, including, efforts to better understand their concepts and practices. In its scope, the article brings a brief discussion about Research Groups, the summary description of the Research Groups Directory, fundamental concepts of Knowledge Management, methodological aspects involved in data collection, where the search expression "Management of Knowledge ", and 350 groups were retrieved in the directory and then analyzes and comparisons were performed. The South and Southeast regions concentrate the largest number of Research Groups, respectively in the States of Santa Catarina and São Paulo. Among the major areas of knowledge, the Research Groups are in the area of Applied Social Sciences and basic knowledge areas such as Information Science, Direct and Administration. Thus, this research allowed to know some aspects of the research groups in Knowledge Management in Brazil.

Keywords: Knowledge Management. Research Groups. CNPq Group Directory.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa científica pode se dar em diferentes tipos e formas de organização, como agências governamentais, instituições de ensino, organizações públicas e privadas, etc. Em qualquer um dos casos é possível identificar uma unidade elementar, comumente denominada grupo de pesquisa, laboratório acadêmico, laboratório de ensino, laboratório de pesquisa ou laboratório de desenvolvimento (RENAUX *et al.*, 2001; STRAUHS *et al.*, 2000), todavia, no presente artigo, é adotado prioritariamente o termo “Grupo de Pesquisa”, e com foco na área de Gestão do Conhecimento (GC), que englobam várias tentativas de diferentes autores e estudos que incluem criação, compartilhamento e disseminação de conhecimento.

1.1 Grupos de Pesquisa

No Brasil, as atividades de produção do conhecimento em pesquisa vêm sendo desenvolvidas por equipes de pesquisadores titulados ou em formação, organizados sob a designação de Grupos de Pesquisa, os quais surgiram da necessidade de se articular no eixo do ensino, pesquisa e extensão, possibilitando a participação de acadêmicos, bolsistas e voluntários em projetos institucionalizados, com ou sem financiamento de agências de fomento (KRAHL *et al*, 2009).

A definição mais recorrente em publicações científicas sobre Grupos de Pesquisa – e adotada neste artigo – se refere a um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente em torno de uma ou, eventualmente, duas lideranças de notório e reconhecido destaque no campo científico ou tecnológico, no qual existe envolvimento profissional e permanente com a atividade de pesquisa, cujo trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa que subordinam-se ao grupo e que, em algum grau, compartilham instalações e equipamentos (CNPq, 2017).

Importante destacar que uma Linha de Pesquisa representa temas aglutinadores de estudos científicos que se fundamentam em tradição investigativa, de onde se originam projetos cujos resultados guardam afinidades recíprocas.

Uma vez que as linhas de pesquisa se subordinam aos Grupos, é possível observar que um grupo pode ter uma ou mais linhas, sendo que elas não precisam, necessariamente, estar associadas ou inseridas nas pesquisas de todos os integrantes do grupo.

Um Grupo de Pesquisa é predominantemente interdisciplinar, como será demonstrado nesta pesquisa, pois congrega pessoas com diferentes níveis de formação, entre eles professores (orientadores), graduandos, pós-graduandos, pesquisadores de outras categorias, parceiros acadêmicos ou do setor produtivo. Não obstante, encontra-se centrado em liderança científica com trajetória e experiência na produção de conhecimento científico, tecnológico e de inovação e é operacionalizado por projetos de pesquisa vinculados a linhas de pesquisa com aderência ao campo de conhecimento que o identifica.

Um líder de Grupo de Pesquisa detém a liderança acadêmica e intelectual em determinado ambiente de pesquisa. Nóbrega-Therrien e Andrade (2009) destacam que o líder é responsável pela coordenação e planejamento dos trabalhos de pesquisa e suas

funções estão em manter o foco, concentrar esforços e indicar linhas de pesquisa, e nesse sentido, o papel do pesquisador líder é fundamental para a produção do conhecimento, em termos técnicos, epistemológicos, metodológicos e emocionais.

Erdmann *et al* (2010) destaca que o líder de um Grupo de Pesquisa é o centro mediador e motivador, que potencializa mecanismos de interação e ordena o balanceamento de oportunidades de produção científica dos seus membros, de forma que sua responsabilidade é proporcional à amplitude dos projetos aos quais o respectivo Grupo estiver implicado, incluindo obtenção de recursos, retorno e impacto social dos resultados — produtos e processos alcançados.

Tanto quanto o líder, os demais membros do Grupo de Pesquisa estão diretamente envolvidos na realização de projetos e com a produção científica, tecnológica e artística do Grupo. Normalmente os membros de um Grupo de Pesquisa são estudantes de graduação e pós-graduação que participam ativamente das linhas de pesquisa desenvolvidas pelo Grupo, como parte de suas atividades discentes, sob a orientação e supervisão do pesquisador líder.

Para Renaux *et al.* (2001), Grupos de Pesquisa possuem características específicas, como por exemplo a alta rotatividade de seus integrantes. Isso se deve ao fato de que ao término do curso de graduação ou pós-graduação os alunos, em geral, saem do grupo ou buscam outros caminhos acadêmicos ou profissionais, mesmo continuando com a parceria ou participando em rede com o Grupo, ocasionando principalmente a perda de importantes conhecimentos, experiências e competências adquiridas por esses membros.

Um Grupo de Pesquisa produz quantidades significativas de conhecimento tanto na forma de capacitação de pesquisadores quanto de produção intelectual, que são disseminados para a comunidade científica e comunidade empresarial (LIMA; AMARAL, 2009).

Os Grupos de Pesquisa se efetivam na concretização de atividades de investigação, orientação, ensino, extensão, socialização, publicação, organização de eventos, dentre outras que o caracterizam como espaço da cultura do pensar, gerar, experimentar e aplicar conhecimentos e saberes que incrementam uma prática profissional que favoreçam a produção e a disseminação de conhecimento, informação e determinadas práticas para a (ERDMANN *et al*, 2010).

Importante frisar que os pesquisadores de um Grupo de Pesquisa, como anteriormente mencionado, se organizam em torno de uma linha de pesquisa e de uma

área específica do conhecimento, buscando desenvolver investigações científicas para a produção e publicação do conhecimento gerado.

Vickery (1972, p. 33) define a investigação científica como “toda e qualquer investigação metódica, desenvolvida para fornecer informações e conhecimentos que foram utilizados para solucionar um problema”. Portanto, as investigações dos Grupos de Pesquisa são responsáveis pela validação de teorias e metodologias de pesquisa em uma área do saber.

No contexto do Brasil, os Grupos de Pesquisa estão organizados no Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que firma um inventário dos grupos de pesquisa em atividade no País.

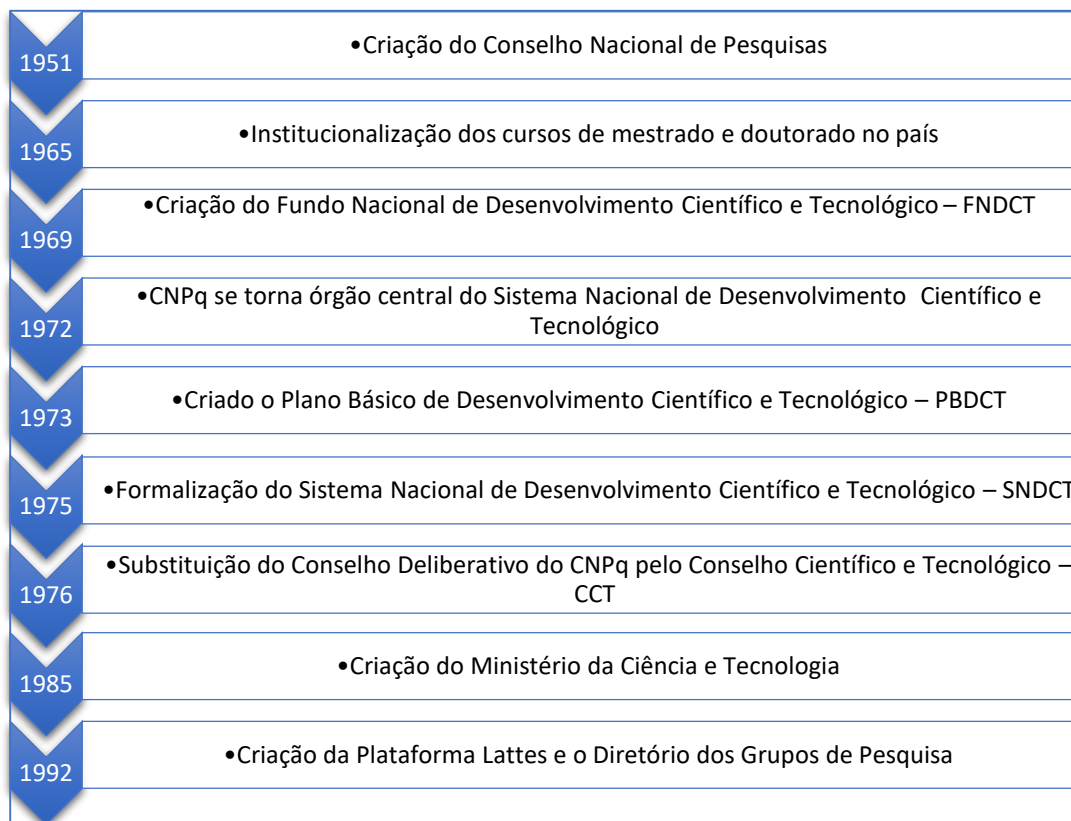
Dentre as informações constantes na base, é possível identificar os recursos humanos constituintes dos respectivos grupos (pesquisadores, estudantes e técnicos), as linhas de pesquisa em andamento, as especialidades do conhecimento, os setores de aplicação envolvidos, a produção científica, tecnológica e artística e as parcerias estabelecidas entre os Grupos e as instituições (CNPq, 2017).

1.2 O Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil

As principais informações sobre o Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) e suas funcionalidades podem ser obtidas no *site* www.dgp.cnpq.br onde poderá ser encontrado o formulário eletrônico para cadastro de Grupos de Pesquisa, mediante senha pessoal, informações gerais e específicas sobre o Diretório bem como um Glossário e Manual do Usuário, dentre outras informações relevantes.

O Diretório dos Grupos de Pesquisa iniciou suas atividades no CNPq no ano 1992 no contexto de uma sequência de acontecimentos expostos na Figura 1 que apresenta a linha de tempo da Ciência e Tecnologia no Brasil, e desde então, numa frequência quase sempre bienal torna disponível ao público em geral um censo da capacidade instalada de pesquisa no país, medida pelos grupos ativos em cada período. Dessa forma, cada grupo é situado no espaço e no tempo.

Figura 1 - Linha do Tempo da Ciência e Tecnologia no Brasil



Fonte: Elaborado pelos autores

Assim, o DGP está ligado à trajetória trilhada pelo CNPq, a década de 50 foi marcada pelos esforços voltados às atividades que estivessem diretamente relacionadas à formação dos recursos humanos qualificados para pesquisa, e seus horizontes foram expandidos na década de 60 onde o CNPq inaugurou a coordenação de Ministérios, tendo também a incumbência de formular e programar as políticas de C&T. Talvez a maior conquista tenha ocorrido nesse período, pois foi justamente quando houve a institucionalização da pós-graduação em nível de mestrado e doutorado.

Na década de 70, o Sistema Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (SNDCT), foi responsável por consolidar programas, projetos e promover o incentivo à pesquisa em empresas privadas e de economia mista, ou seja, são pessoas jurídicas de direito privado, constituídas por capital tanto público quanto privado. E o CNPq passou a ser órgão central do SNDCT.

Já a década de 80, foi marcada principalmente pela atuação mais ampla do CNPq, que passou a atuar no desenvolvimento e implantação dos sistemas de informação científica e tecnológica, e também atuar com banco de dados nacionais, e já na década de

90 criou instrumentos de suma importância para as atividades de fomento, como a Plataforma Lattes e os DGP.

A partir de 2002, o Diretório tornou o sistema disponível para atualização contínua da base de dados, denominada Base Corrente, porém mantendo a frequência bienal para a divulgação de resultados – os censos, que passaram a ser “fotografias” dessa base. Os censos apresentam informações quantitativas sobre os grupos em suas diversas dimensões e oferecem recursos de buscas textuais sobre as bases de dados.

Atualmente o Diretório possui uma base corrente e uma base censitária. As informações que compõem a base corrente podem ser atualizadas continuamente pelos pesquisadores e estudantes. A base censitária agrega os dados da base corrente com a produção científica, tecnológica e artística dos grupos, constituída pela soma das produções individuais dos seus participantes. Os dados de ambas as bases estão disponíveis para buscas textuais e permitem recuperar informações sobre qualquer dado presente nas bases do Diretório.

Quanto as suas finalidades, o DGP é um instrumento para o intercâmbio e a troca de informações tem caráter censitário no auxílio do planejamento estratégico de fomento, e por fim, constitui em base de dados importante na preservação da memória da atividade científico-tecnológica no Brasil.

Segundo Magalhães *et al* (2014), o Diretório de Grupos de Pesquisa contém dados sobre um “reagrupamento” de pesquisadores que possuem currículo e, portanto, trabalham em conjunto nessas linhas de pesquisas definidas nesse grupo de pesquisa.

A visibilidade proporcionada pela base se configura ainda como uma prestação de contas à sociedade, dado que no Brasil, segundo Massarani (2013), os investimentos na área da ciência tem se tornado cada vez maior, tanto em valores quanto em quantidade de investidores interessados.

Segundo o CNPq (2017), a disponibilização pública dos dados da Plataforma na Internet dá maior transparência e mais confiabilidade às atividades de fomento do CNPq e das agências que a utilizam, fortalecem o intercâmbio entre pesquisadores e instituições e é fonte inesgotável de informações para estudos e pesquisas, além de representar importante papel na preservação da memória da atividade de pesquisa no país, uma vez que suas informações são recorrentes e cumulativas.

Quanto a sua localização física, os grupos de pesquisa cadastrados no Diretório estão situados em instituições de ensino superior, institutos de pesquisa, etc., e as

informações individuais de cada participante são extraídas de seus próprios currículos. No que tange as atualizações, elas são realizadas continuamente pelos líderes de grupos, pesquisadores, estudantes e dirigentes de pesquisa das instituições participantes e o CNPq realiza censos bianuais (CNPq, 2017).

Enfim, o Diretório é uma base de dados multidisciplinar onde ficam os Grupos de Pesquisa com temáticas diversificadas. Interessa neste artigo, identificar e mapear aqueles que atuam especificamente com a temática da Gestão do Conhecimento em suas linhas de pesquisa.

1.3 Aspectos gerais sobre a Gestão do Conhecimento

O conceito de Gestão do Conhecimento surgiu no início da década de 90 e, segundo SVEIBY (1998, p. 3): “[...] a Gestão do Conhecimento não é mais uma moda de eficiência operacional. Faz parte da estratégia empresarial”.

Na literatura atinente à Gestão do Conhecimento, vários autores apontam que seu surgimento foi em 1987, todavia, para Barbosa (2008), há indícios de uso do termo em 1976 em periódicos de administração pública, porém o enfoque é para GC no plano social. Um dos marcos principais na área organizacional, tem como registro os Títulos “Criação de Conhecimento na Empresa: como as empresas japonesas geram o conhecimento na empresa” de Nonaka e Takeuchi de 1995 e “Ecologia da Informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na área da Informação” de Davenport em 1997.

Apesar de serem obras marcantes que impulsionam outras publicações nessa área, a primeira obra foca na questão da inovação e como se dá o ciclo de informação e conhecimento no contexto da inovação, ou seja, produção do conhecimento. A segunda obra (DAVENPORT, 1997) traz a importância do conhecimento numa perspectiva holística no contexto da organização.

A expressão Gestão do Conhecimento (GC), na literatura especializada é vasta e sem consenso. Autores como Scholl *et al.* (2004), declaram que GC é um campo relativamente difuso e caracterizado por diferentes conceitos, práticas, perspectivas e abordagens. Essa confusão terminológica a partir da definição tradicional de que a informação é o conhecimento registrado, ou seja, aquilo que uma pessoa sabe registrado em um suporte. Pode ser observada no campo da computação que alguns sistemas são chamados de sistemas de processamento do conhecimento e não como sistema de

informação. Na administração, muitas obras confundem os dois termos, informação e conhecimento.

Logo, gerir o conhecimento não significa, necessariamente, gerir o que está na cabeça das pessoas e sim gerir o contexto em que o conhecimento é produzido, onde é disseminado, onde é utilizado e compartilhado.

Neste sentido, destaca-se que os estudos sobre GC englobam várias tentativas de definição, dentre elas podemos citar: a arte de criar valor a partir dos ativos intangíveis da organização (SVEIBY, 1998); a aquisição, troca e uso do conhecimento dentro das organizações (LOUGHBRIDGE, 1996); a identificação do que se sabe, captação e organização desse conhecimento para utilização de modo a gerar retornos (STEWART, 1997); um processo de negócios, em que a empresa usa seu conhecimento institucional ou coletivo (SARVARY, 1999); uma filosofia de negócios focada no compartilhamento do conhecimento e em colocar o conhecimento em ação (GURTEEN, 1999) e; interação de processos simultâneos desde a criação ao uso pleno do conhecimento viabilizado pela cultura de aprendizado e de compartilhamento, no ambiente das organizações (DUARTE, 2003).

De acordo com Alvarenga Neto (2005) a gestão do conhecimento consolidou-se como uma grande área, metaforicamente denominada de 'área guarda-chuva', que incorpora várias abordagens gerenciais, observadas as interfaces, comunicações, relacionamentos e imbricações, conforme demonstra o Quadro 1.

Quadro 1. Áreas relacionadas à Gestão do Conhecimento

Área	Aspectos abordados	Autores principais
Gestão da Informação e Ciência da Informação	Coleta, tratamento, organização, indexação, recuperação, disseminação e aspectos intrinsecamente ligados às questões técnicas: tesauros, taxonomias, ontologias, vocabulários controlados, mapas conceituais.	Davenport e Cronin (2000); Davenport (1998); Bergeron (1996); Borko (1968); Saracevic (1992); Gordon (1997); McGee e Prusak (1995)
Gestão de Recursos Humanos, Gestão de Competências e Gestão dos Talentos Humanos	Capital intelectual, capital humano, aprendizagem organizacional.	Stewart (1998); Senge (1990); Garvin (1993); Fleury e Oliveira Jr (2001); Duguid e Brown (2000); Wenger e Snyder (2001); Argyris e Schon (1978); Nevis, Dibella e Gould (1998)
Contabilidade e área financeira	Métricas e mensuração de ativos intangíveis,	Stewart (1998); Edvinsson e Malone (1998); Bontis

	contabilização do valor do capital intelectual, reconhecimento do capital estrutural.	Dragonnetti, Jacobsen e Roos (1999); Sveiby (1998)
Inteligência empresarial e competitiva	Ambiente organizacional como fonte de informações, inteligência do concorrente, competitiva, empresarial, social e gerenciamento de questões estratégicas.	Choo (2002); Aguilar (1967); Choo e Auster (1993); Daft e Weick (1984); Miller (2002); Cronin e Davenport (2002)
Criação de conhecimento e Gestão da Inovação	Processos de GC, conversão do conhecimento, relação entre GC e Aprendizagem, modelos de GC, Inovação.	Leonard-Barton (1998); Nonaka e Takeuchi (1997); Davenport e Prusak (1998); Von Krogh, Ichijo e Nonaka (2001)

Fonte: Adaptado de Alvarenga Neto (2005)

Davenport e Prusak (1998) definem GC como uma mistura fluída de experiência condensada, valores, informação contextual e insight experimentado, também existem outras abordagens como a construção sistemática, explícita e intencional do conhecimento e sua aplicação para maximizar a eficiência e o retorno sobre os ativos de conhecimento da organização (WIIG, 2002); disponibilização do conhecimento certo para as pessoas certas, no momento certo, de modo que estas possam tomar as melhores decisões para a organização (PETRASH, 1996); processo de busca e organização da *expertise* coletiva da organização, em qualquer lugar em que se encontre, e de sua distribuição para onde houver o maior retorno (HIBBARD, 1997) e; formalização das experiências, conhecimentos e *expertise*, de forma a se tornarem acessíveis para a organização, e esta possa criar novas competências, alcançar desempenho superior, estimular a inovação e criar valor para seus clientes (BECKMAN, 1999).

Diante de tantas definições e fundamentações, a adotada nesta pesquisa é a de que a Gestão do Conhecimento, tem como objetivo criar, registrar e compartilhar e disseminar os ativos intangíveis, o capital intelectual, o conhecimento organizacional, e parte da preocupação com a aprendizagem, criação e o uso do conhecimento nas organizações (HOFFMANN, 2009).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir dessa conceituação teórica, que caracterizam o DGP e os pressupostos teóricos que fundamentam a Gestão do Conhecimento, é possível integrar esses elementos e verificar empiricamente como está caracterizada a GC no DGP.

Em função do seu objetivo, a pesquisa caracterizar-se-á como sendo de caráter exploratório-descritivo pois proporciona uma análise dos dados registrados em uma base de dados – o DGP do CNPq. A análise dos dados está presente nas várias fases da pesquisa, tornando-se mais sistemática e mais formal após o encerramento da coleta de dados.

A eficiência de uma pesquisa em qualquer base de dados reside, em um primeiro momento na compreensão de suas funcionalidades básicas e posteriormente no cuidado com a seleção dos parâmetros de busca. Neste sentido, o DGP fornece um Manual do Usuário, disponível no endereço <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/manual-do-usuario> onde é possível entender a interface do sistema e verificar quais os dados podem ser extraídos para análise de acordo com os objetivos propostos.

O procedimento seguinte envolveu a elaboração dos parâmetros de busca, no qual elegemos a utilização da expressão “Gestão do Conhecimento”, visto que o interesse era captar os Grupos de Pesquisa que se identificam com a área. Foram selecionadas as opções “nome do grupo” e “linha de pesquisa”, inferindo-se que um Grupo que se identifica com a temática, necessariamente a associa em uma das opções apresentadas.

Nesta pesquisa foram considerados apenas os Grupos certificados pela instituição e não atualizados que estavam presentes na base, já que os Grupos excluídos (que aparecem na base) não entram no censo realizado pelo Diretório e, portanto, não foram utilizados para a caracterização dos Grupos de Pesquisa em GC no Brasil.

Importante observar que o “Grupo certificado pela instituição” se refere ao Grupo de Pesquisa enviado pelo líder que foi certificado pelo dirigente de pesquisa da instituição que o abriga, enquanto que “Grupo não atualizado” remete a um grupo certificado que permaneceu mais de 12 meses sem sofrer nenhuma atualização.

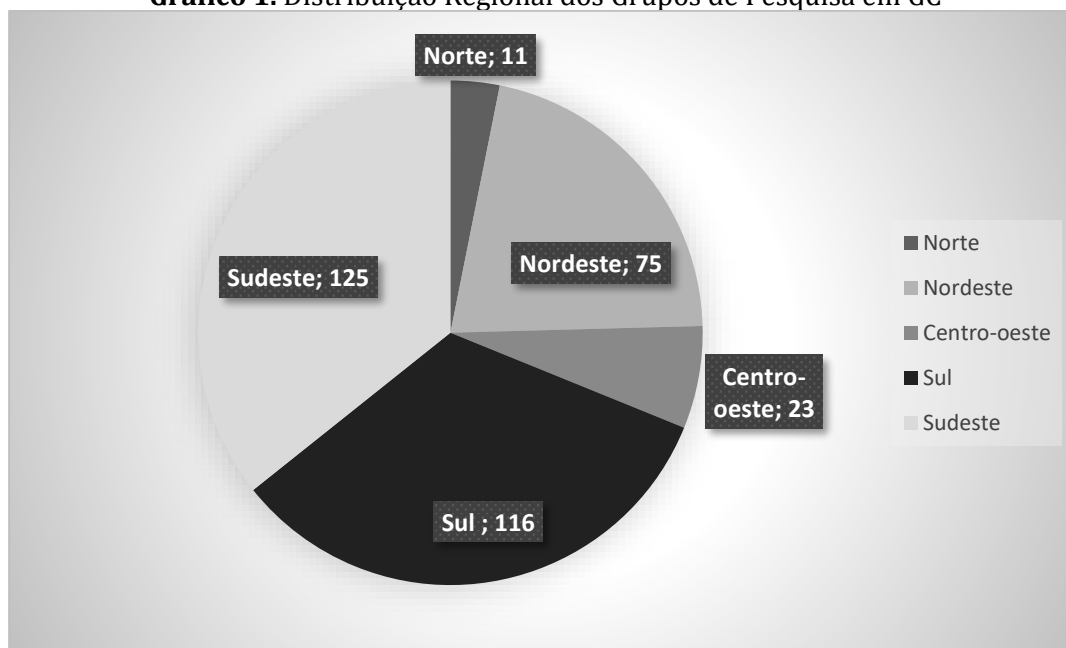
A base oferece filtros de pesquisa, que foram utilizados para análise de cada uma das variáveis de estudo adotadas nesta pesquisa. Assim, levamos em consideração as áreas do conhecimento e áreas de pesquisa; as regiões geográficas e as instituições às quais os Grupos de Pesquisa pertencem.

Para expressão “Gestão do Conhecimento”, utilizamos os critérios já explicitados, recuperando um total de 350 Grupos de Pesquisa sobre GC no Brasil, os quais foram agrupados em categorias ou variáveis para fins de análise.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A primeira análise realizada refere-se à quantidade de Grupos de Pesquisa na Base *versus* a quantidade específica sobre a temática em questão que é Gestão do Conhecimento. Assim, cerca de 38 mil dos Grupos presentes no diretório até dezembro de 2017 – data da coleta, apenas 350 referem-se a Grupos genuinamente de Gestão do Conhecimento. O adjetivo aqui utilizado se dá a partir da premissa de que quem quer ser reconhecido como um Grupo de GC, necessariamente precisa incluir o termo em uma das opções que permitem a recuperação dos registros, qual seja: nome do grupo e/ou linha de pesquisa.

Gráfico 1. Distribuição Regional dos Grupos de Pesquisa em GC



Fonte: CNPq (2017)

O gráfico 1 apresenta a distribuição regional dos Grupos de Pesquisa sobre Gestão do Conhecimento, proporcionando uma análise da sua concentração geográfica, nele é possível verificar que a região Norte conta com 11 Grupos de Pesquisa, a região Nordeste

conta com 75, a região Centro-oeste com 23, a região Sul com 116 Grupos de Pesquisa e a região Sudeste é a que apresentou maior número, com 125 Grupos de Pesquisa.

A partir dos dados levantados, fica evidente que as regiões com maior concentração de Grupos de Pesquisa em Gestão do Conhecimento são a região Sul e Sudeste, que juntas contam com 241 GP's em GC. Essa configuração possivelmente ocorre em função destas regiões compreenderem o maior número de Universidades e Centros de Pesquisa, visto que os Grupos de Pesquisa estão prioritariamente localizados em instituições desta natureza. A região norte apresenta o menor quantitativo de Grupos de Pesquisa sobre Gestão do Conhecimento, seguida pela Região Centro-Oeste.

O Gráfico 2 apresentado visa detalhar ainda mais a distribuição geográfica dos Grupos de Pesquisa por Estados da Federação, identificando dentro de cada região, qual Estado concentra mais Grupos que abordam a temática Gestão do Conhecimento.

Gráfico 2 - Distribuição dos Grupos de Pesquisa em GC por Estado



Fonte: CNPq (2017)

Acompanhando o mesmo raciocínio de distribuição dos Grupos por Região (Gráfico 1), verifica-se que a maior concentração de Grupos está nos Estados de Santa Catarina e São Paulo.

O curso de Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina certamente é um dos grandes responsáveis pela concentração de Grupos de Pesquisa do Estado, uma vez que forma Doutores na área de GC que, por sua vez,

exercem suas atividades de pesquisadores em outras instituições e assim vão surgindo cada vez mais Grupos de Pesquisa com linhas de pesquisa voltadas para a GC.

O Estado de São Paulo também possui um número significativo de Grupos de Pesquisa, possivelmente por ter uma maior concentração de instituições e organizações como: universidades, institutos de pesquisa, parques tecnológicos, incubadoras, etc.

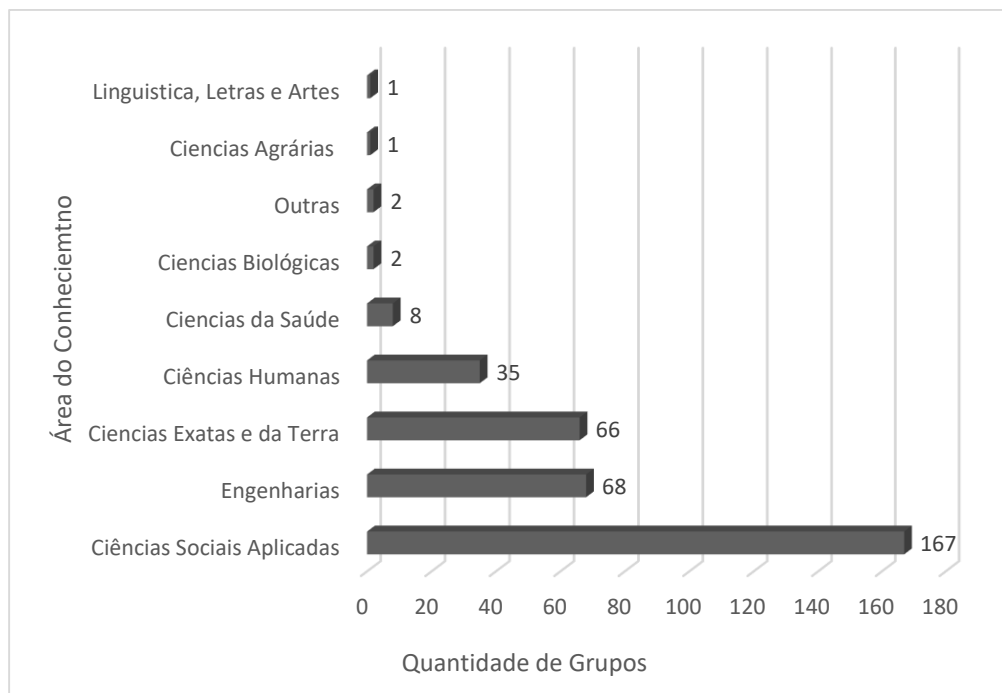
Foi possível verificar que apenas os Estados do Acre, Amapá e Rondônia não possuem nenhum Grupo de Pesquisa sobre Gestão do Conhecimento, coadunando com a constatação verificada no Gráfico 1 de que a Região Norte é a que possui o menor quantitativo de Grupos de Pesquisa de GC.

Considerando que a Gestão do Conhecimento é uma área multidisciplinar, é interessante verificar as áreas nos quais os Grupos de Pesquisa estão inseridos. Neste sentido, o Gráfico 3 apresenta os dados coletados no Diretório em relação as áreas do Conhecimento (chamadas Grandes Áreas) do CNPq.

O CNPq estratifica as Áreas do Conhecimento em grandes áreas, áreas básicas, subáreas e especialidade. No DGP temos a possibilidade de identificar os Grupos de Pesquisa por grandes áreas e áreas básicas.

Grande área se refere a um conglomerado de áreas do conhecimento, em virtude da afinidade de seus objetos, métodos cognitivos e recursos instrumentais refletindo contextos sociopolíticos específicos, enquanto que as áreas básicas se referem a um conjunto de conhecimentos inter-relacionados, coletivamente construído, reunido segundo a natureza do objeto de investigação com finalidades de ensino, pesquisa e aplicações práticas (CAPES, 2017).

Gráfico 3 - Áreas do Conhecimento dos Grupos de Pesquisa de GC



Fonte: CNPq (2017)

Conforme é possível verificar, a Gestão do Conhecimento, no contexto de Grupos de Pesquisa, está eminentemente inserida na Área de Ciências Sociais, que abarca também Ciência da Informação, Direito, Economia, Administração, dentre outros.

Em função de sua especificidade, a maioria dos Grupos estão relacionados a área da Ciência da Informação, sobretudo em função desta área estar intrinsecamente relacionada com a Gestão do Conhecimento.

A Tabela 1 relaciona as áreas básicas do Conhecimento, de forma que é possível identificar as especificidades de atuação dos Grupos de Pesquisa.

Tabela 1. Áreas básicas do Conhecimento dos Grupos de Pesquisa de GC

Área Básica	Quantidade de Grupos
Administração	100
Ciência da Computação	59
Engenharia de Produção	52
Ciência da Informação	49
Educação	25
Comunicação	5
Saúde Coletiva	4

Engenharia Civil	4
Química	3
Psicologia	3
Sociologia	3
Desenho Industrial	3
Economia	3
Planejamento Urbano e Regional	3

Fonte: CNPq (2017)

Corroborando com os dados apresentados no Gráfico 3, notamos que dentro das Ciências Sociais Aplicadas, a área predominante nos grupos de pesquisa é a Administração, que corresponde aproximadamente a 28% dos Grupos de Pesquisa de GC, em segundo lugar temos a Ciência da Computação (17%), depois Engenharia da Produção (15%), Ciência da Informação (14%) e Educação (7%).

As áreas básicas de Ecologia, Medicina, Enfermagem, Matemática, Ciência Política, Direito, Turismo, Engenharia Elétrica, Mecânicas, Nuclear e Sanitária apresentaram apenas dois Grupos de Pesquisa cada uma, por isso não foram apostos na Tabela 2. Da mesma forma, as áreas de Agronomia, Física, Oceanografia, Filosofia, Geografia, Engenharia Biomédica, Engenharia de Materiais e Metalúrgica, Engenharia de Minas, Engenharia Química, Artes, Ciências Ambientais e Divulgação Científica apresentaram apenas um Grupo de Pesquisa em GC.

Mais uma vez fica evidente o caráter multidisciplinar dos Grupos de Pesquisa em Gestão do Conhecimento, uma vez que existem Grupos em todas as grandes áreas do conhecimento que se dedicam a pesquisar esta temática.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, pesquisas em bases de dados e, em específico, o DGP, oferecem a possibilidade de visualizar quantitativa e qualitativamente o perfil da pesquisa no Brasil, com a possibilidade de cruzamento de diversas variáveis.

Este estudo descritivo buscou agregar informações que caracterizem a Gestão do Conhecimento no Brasil, especificamente a partir dos Grupos de Pesquisa cadastrados no CNPq. Foi possível verificar que os Grupos de Pesquisa na área de Gestão do

Conhecimento no Brasil têm crescido proporcionalmente ao crescimento do próprio campo, com a inserção de linhas de pesquisa em cursos de pós-graduação e a formação de pesquisadores em nível de mestrado e doutorado. Ademais, os Grupos de Pesquisa em GC representam quase 1% dos Grupos disponíveis na base do DGP do CNPq, assim é esperado que esse percentual se desenvolva expressivamente, acompanhando o crescimento do volume das informações e do conhecimento no século XXI, induzindo a geração de mais pesquisas na área de GC.

Conhecer os grupos de pesquisa na área de GC se mostra de grande importância sobretudo porque permite conhecer as tendências nas pesquisas deste campo do conhecimento, assim como permite identificar os pesquisadores e instituições com vistas a realização de parcerias acadêmicas.

Embora o escopo desta pesquisa tenha sido o mapeamento dos Grupos de Pesquisa registrados tão somente no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, é importante que novas pesquisas sejam feitas em outras bases de dados a fim de realizar um mapeamento mais amplo para se obter a contextualização no Brasil.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, F.J. **Scanning the business environment**. New York, The Macmillan Company, 1967.
- ALVARENGA NETO, Rivadavia C. Drummond de. **Gestão do conhecimento em organizações: proposta de mapeamento conceitual integrativo**. 2005. 400 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, UFMG, Belo Horizonte.
- ARGYRIS, C., SCHÖN, D.A. **Organizational Learning: A Theory of Action Perspective**. Reading, MA: Addison-Wesley, 1978.
- BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Gestão da informação e do conhecimento: origens, polêmicas e perspectivas. **Informação & Informação**, [S.l.], v. 13, n. 1 esp, p. 1-25, dez. 2008.
- BECKMAN, T.J. The Current State of Knowledge Management, In: **The Knowledge Management Handbook**. (ed). J. Liebowitz, CRC Press. 2009
- BERGERON, P. **Information Resources Management**. ARIST, v.31, p.263-300, 1996.
- BORKO, H. **Information Science: What is it?** American Documentation, v.19, n.1, p.3-5, Jan. 1968.
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Tabela de áreas do conhecimento/avaliação**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao> Acesso em 15 dez 2017.

CHOO, C. W. **A Organização do Conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

CHOO, C.W., AUSTER, E. **Environmental scanning: acquisition and use of information by managers.** Annual Review of Information Science and Technology, vol. 28, 1993, p. 279-314.

CNPq – CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil.** Disponível em: <http://dgp.cnpq.br> Acesso em: 27 dez. 2017.

CRONIN, B., DAVENPORT, E. **Intelligence and Strategy.** Annual Review of Information Science and Ttechnology, vol.36, p. 311-389, 2002.

DAFT, R.L., WEICK, K.E. **Toward a model of organizations as interpretation systems.** Academy Of Management Review, v.9, n.2, 1984, p.284-295.

DAVENPORT, Thomas H. **Ecologia da informação:** por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 1998.

DAVENPORT, E. & CRONIN, B. **Knowledge management:** semantic drift or conceptual shift? Journal of Education for Library and Information Science, 41(4): 294-306, 2000.

DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial:** como as organizações gerenciam seu capital intelectual. 10 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1998.

DUARTE, E. N. **Análise da Produção Científica em Gestão do Conhecimento:** estratégias metodológicas e estratégias organizacionais. 2003. 300 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003.

DUGUID, P., BROWN, J. S. **Organizational Learning and Communities-of- Practice: Toward a Unified View of Working, Learning, and Innovation.** In: CROS, R. & ISRAELIT, SAM. (editors) Strategic Learning in a Knowledge Economy: Individual, Collective, and Organizational Learning Process. Butterworth-Heinemann, 2000.

ERDMANN, Alacoque Lorenzini *et al.* **Funcionalidade dos grupos de pesquisa de administração/ gestão/ gerência de enfermagem.** Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, v. 11, n. 2, p. 19-26, 2010.

FLEURY, M.T.L., OLIVEIRA JR., M. M. (organizadores). **Gestão Estratégica do Conhecimento: integrando aprendizado, conhecimento e competências.** São Paulo: Atlas, 2001.

GARVIN, D. A. **Building a learning organization.** Harvard Business Review. Vol. 71 Issue 4, p. 78-91. Jul/Aug 1993.

GORDON, Michael D. **It's 10 A.M. Do You Know Where Your Documents Are? The Nature and Scope of Information Retrieval Problem in Business.** Information Processing & Management. Vol.33. No. 1, pp. 107-121, 1997.

GURTEEN, D. Creating a knowledgesharingculture. In: **Knowledge Management Magazine**, v 2, n. 5, 1999.

HIBBARD, J. Knowing what we know. **Information Week Online**, 20 out. 1997.

HOFFMANN, W. A. M. **Gestão do Conhecimento**: desafios de aprender. São Carlos: Compacta, 2009.

KRAHL et al. **Experiência dos acadêmicos de enfermagem em um grupo de pesquisa**. In Rev Bras Enferm, Brasília 2009 jan-fev; 62(1): 146-50.

LEONARD-BARTON, D. **Nascentes do Saber: criando e sustentando as fontes de inovação**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LIMA, Karina Kúhl de; AMARAL, Daniel Capaldo. **Práticas de gestão do conhecimento em grupos de pesquisa da rede Instituto Fábrica do Milênio**. Gestão & Produção, v. 15, n. 2, p. 291-305, 2009.

LOUGHBRIDGE, M. E. D. **Intellectual capital and knowledge management**. IFLA Journal, p. 299-301, 1996.

MAGALHÃES, Jorge *et al.* Extração e tratamento de dados na base Lattes para identificação de core competencies em dengue. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 3, p.30-54, mar. 2014.

MASSARANI, Laisa. **Brazil's science investment reaches record high**. Nature, New York, ago. 2013.

McGEE, J.; PRUSAK, L. **Gerenciamento estratégico da informação**. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

MILLER, J. P. **O Milênio da Inteligência Competitiva**. Porto Alegre: Bookman, 2002.

NEVIS, E. C., DiBELLA, A. J., GOULD, J.M. Como entender organizações como sistemas de aprendizagem. In: **A gestão estratégica do capital intelectual**. Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 1998. 105.

NÓBREGA-THERRIEN, Sílvia Maria; ANDRADE, João Tadeu de. **A pesquisa na pós-graduação: possibilidades e limites na construção do conhecimento**. In: NÓBREGA-THERRIEN, Sílvia Maria; ALMEIDA, Maria Irismar de; ANDRADE, João Tadeu de. Formação diferenciada: a produção de um grupo de pesquisa. Fortaleza: Ed. UECE, 2009.

NONAKA, I. & TAKEUCHI, H. **Criação de Conhecimento na Empresa**: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

PETRASH, G. **Dow's journey to a knowledge value management culture**. European Management Journal. V.14 n.4, ago. 1996.

RENAUX, D. P. B. *et al.* Gestão do conhecimento de um laboratório de pesquisa: uma abordagem prática. In: **Anais do IV Simpósio Internacional de Gestão do Conhecimento e Gestão de Documentos Anais**. Curitiba: PUC-PR, 2001, p.195-208.

SARACEVIC, Tefko. **Information Science: origins, evolution and relations**. In: VAKKARI, P., CRONIN, B. (Ed.) Conceptions of library and information science. pp5-27. Graham Taylor, London and Los Angeles, 1992.

SARVARY, M. **Knowledge management and competition in Consulting industry**. Califórnia Management Review, v. 41, n. 2, p. 95-107, 1999.

SENGE, P. M. **A quinta disciplina: arte, teoria e prática da organização da aprendizagem**. São Paulo: Best Seller, 1990.

SCHOLL, W. et al. The future of knowledge management. **Journal of Knowledge Management**, v. 8, n. 2, p.19-35, 2004.

STEWART, T. A. **Capital intelectual**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

STRAUHS, F. R.; ABREU, A. F.; RENAUX, D. F. B. Uma proposta para gestão do conhecimento em laboratório acadêmico. In: **Anais do III Simpósio Internacional de Gestão do Conhecimento e Gestão de Documentos**. Curitiba: PUC-PR. 2000, p.17-36.

SVEIBY, K. E. **A Nova Riqueza das Organizações: Gerenciando e Avaliando Patrimônios do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

VICKERY, B. C. **The administration of research in institution**. In: The advisory board on research of the library association, London. Objectives and Administration of Library research. London: The Library Association, 1972. p. 33-38.

WENGER, Etienne C., SNYDER, William M. **Comunidades de Prática: a fronteira organizacional**. In: Harvard Business Review: Aprendizagem Organizacional. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

VON KROGH, G., ICHIJO, K., NONAKA, I. In: **Facilitando a criação de conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

WIIG, K. M. Knowledge management in public administration. **Journal of Knowledge Management**. V. 6, n. 3, p. 224-239, 2002.

Recebido em: 22 de janeiro de 2018 Aceito em: 30 de outubro de 2018
--